

# EU NÃO CONSIGO RESPIRAR. UMA EXISTÊNCIA SOB A ESPREITA DA MORTE

*Guilherme Moraes da Costa<sup>1</sup>*  
*Marco José de Oliveira Duarte<sup>2</sup>*

## RESUMO

O artigo 5º da CF 1988 diz que somos todos iguais perante a lei, em oportunidades e direitos. Tal como muitas leis no Brasil, essa não pegou. O texto constitucional fala de uma igualdade formal, legal. Levado a este foro, por vezes esse discurso se confirma. Por outras tantas vezes não. É nesse ponto que os marcadores sociais da diferença revelam sua pujança sem o menor pejo. Gênero, raça/etnia, condição física, sexualidade e identidade de gênero confluem para demarcar que uns são mais humanos que outros. Quando abrimos os portais de notícias algumas notícias são recorrentes: “Brasil é o país que mais mata LGBTQIAP+ no mundo”, “Ação da polícia na periferia de uma cidade brasileira deixa X mortos. Polícia fala em legítima defesa”. A questão é que essas notícias não parecem sensibilizar ninguém, elas continuam se repetindo e empilhando corpos de gente pobre e preta. Assim, para um homem negro e gay, é quase como se convivesse com a morte a cada esquina, que pode vir por meio de uma abordagem policial, da ação de uma pessoa individual, da falta de acessos, do encarceramento ou ainda nas oportunidades que são obstaculizadas ao longo do caminho. Por vezes o sofrimento em razão disso é tão brutal que muitas pessoas nessa situação preferem abreviar suas existências. Diante desse cenário, pretendemos lançar mão de pesquisa bibliográficas, documentais, bem como de dados sobre mortes de pessoas negras e LGBTQIAP+ para retratar essa conjuntura e pensar em alternativas de superação dessa conjuntura.

**Palavras-chave:** Racismo; LGBTI+fobia; Interseccionalidade; necropolítica;

1 Doutorando do Curso de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; [guilhermeea@moraeasdacosta@gmail.com](mailto:guilhermeea@moraeasdacosta@gmail.com)

2 Professor orientador: Pós-doutor em Políticas Sociais e Cidadania, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. [majodu@gmail.com](mailto:majodu@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Era uma manhã de domingo ensolarado e quente de setembro do presente ano em Campinas, maior cidade do interior do Brasil. Um homem fazia caminhada próximo a uma marginal e se depara com uma pedra ensanguentada jogada a esmo no chão. A situação chama-lhe à atenção e ele decide investigar. Alguns passos adiante, parcialmente encoberto pela vegetação, ele se depara com o corpo de um jovem, já sem vida. A polícia é chamada e após análise prévia, verificou-se que aquele jovem foi morto a pedradas, especialmente na cabeça, ou seja, podemos depreender que não foi uma morte acidental, tampouco rápida. Foi executado de forma a causar dor, a prolongar o sofrimento. Informações publicadas na imprensa local dão conta de que a polícia reluta em classificar o fato como crime de ódio, homofobia, mas sim como homicídio comum, sem o agravante da dissidência sexual e de gênero da vítima. Informações da imprensa local dão conta de que o suposto autor já foi identificado e está preso.

Aquele jovem tinha 31 anos, era um homem negro, historiador formado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tinha a vida toda pela frente, sonhos e conquistas, era o filho de uma mãe e um pai, era amigo, era irmão e sua trajetória foi abreviada da maneira vil, cruel e sorradeira. Morreu por decidir levar a vida a partir de sua verdade, sendo homem negro e gay, recusando-se a encaixar-se nos padrões a ele impostos pela heterossexualidade compulsória.

À primeira vista, esse episódio pode parecer singular, todavia, tem sido cada vez mais comum na vida de pessoas na encruzilhada da pele negra com a sexualidade dissonante da norma heterossexual. Quando aquele jovem se vai dessa forma, leva junto um pouco de todos nós LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexo, assexuais e mais)<sup>3</sup>. Sua morte é mais do que um assassinato, mas acende um alerta de que nossa existência pouco ou nada vale.

Já virou jargão dizer que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo. Por outro lado, enquanto tal clichê persistir, será necessário repetir essa informação até que essa realidade seja uma marca do passado. Mas tal qual ocorre com os feminicídios, o encarceramento e a chacina de pessoas pretas pelas polícias, não são notícias que sensibilizam a maior parte da sociedade, que nada faz para parar essa matança. Morremos assassinados, morremos um pouco toda vez que vamos procurar um emprego e nossa orientação sexual e/ou expressão

3 Optamos por utilizar essa configuração da sigla a partir do parâmetro estabelecido pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania para nomear a Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+.

de gênero são os fatores determinantes para a negativa. Morremos um pouco toda vez que um de nós é posto para fora de casa. Morremos um pouco toda vez que negam nossa identidade, que insistem em nos curar de algo que não é doença. Morremos todos aos poucos todos os dias e em alguns deles a morte é definitiva.

Então, quando nossa orientação sexual, expressão de gênero e/ou identidade de gênero dissonante se soma ao marcador social da raça, o questionamento que fica é qual dessas opressões vem primeiro ou qual que pesa mais sob esses corpos?

Este texto tem por objetivo incitar a reflexão sobre como as pessoas LGBTQIA+ negras vivem sob o jugo da morte dupla e cotidianamente. Centraremos nossa análise a partir da orientação sexual dissonante, no caso a homossexualidade masculina conjugada com a raça, tendo como prisma de análise a realidade de homens negros gays, tendo no horizonte um olhar racializado sobre as dissidências sexuais e de gênero.

## **METODOLOGIA**

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, de início utilizamos a pesquisa bibliográfica sobre essas temáticas a partir de livros, artigos científicos, documentos e publicações que tratam dessa temática.

Em seguida, procedemos com a coleta e análise de dados oficiais sobre mortes de pessoas LGBTQIA+, sob os quais nos detemos sobre o percentual de pessoas negras assassinadas neste contexto e de pessoas negras sem o recorte de sexualidade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico da pesquisa buscou abordar por uma perspectiva racializada, ancorada nas contribuições da interseccionalidade, tendo como objeto de estudo os homens negros gays, portanto, visando investigar os efeitos do racismo somados à diversas assimetrias de poder, a partir de marcadores sociais da diferença como raça, gênero, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Há muito tempo os corpos negros são desumanizados e vistos como mercadoria. Esse processo teve início com o sequestro e escravização de pessoas negras trazidas à força de África. Já no navio, povos de etnias e línguas diferentes eram

separados dos seus e misturados a outros para que não pudessem se comunicar traçar estratégias de fuga e/ou resistência. Em solo americano, foram sujeitados a todo tipo de trabalho forçado, gerando lucro para seus “donos”. Eram tidos como “peças” e, portanto, se eram “peças” e não eram humanos, podiam ser tratados de qualquer maneira. O tráfico e a escravidão de pessoas negras atendiam aos interesses da colônia ao serem utilizados como mão de obra barata e foram determinantes para o crescimento econômico do país nas mais determinadas áreas.

O fato de serem tidos como propriedade fazia com que seus “senhores/donos” dispusessem de suas existências da forma que achavam melhor. A partir da compra, ao proprietário era incubido um poder quase divino, pois tinha o controle absoluto daquelas vidas, podendo deliberar sobre quem ia viver e quem ia morrer a qualquer tempo. Assim, os escravizados dormiam em senzalas, eram mal alimentados, alvo de castigos físicos, utilizados como escravos sexuais e reprodutores de crianças negras que depois perpetuariam a escravidão, além de serem negociados em praça pública, avaliados e vendidos como animais, momento em que muitas famílias eram separadas. A abolição da escravatura se deu formalmente em 1888, concedendo-lhes a liberdade, mas sem a devida previsão de inserção dessas pessoas na sociedade, assim como deixou como herança o racismo em suas diversas formas e manifestações.

Como efeito desse contexto, uma das formas de desumanização sofrida por pessoas negras diz respeito a tentativa de apagamento de suas raízes, pois, ao aniquilar a cultura ancestral, ao massacrar suas subjetividades, isso faz com que estejam mais vulneráveis e com efeito, passíveis de serem subalternizados com mais efetividade. Esse processo está em curso, tendo em mente o constante ataque físico – destruição de templos – e simbólico – no púlpito das igrejas neopentecostais – das religiões de matriz africana, cujas práticas e saberes religiosos são associadas ao mito cristão de Lúcifer por pastores.

Quando há a intersecção da raça não branca em conjunto com a sexualidade dissidente, geralmente acarreta em uma profusão de opressões. Consignados, criam um vórtice de desigualdade que atua para obstaculizar o acesso e/ou a permanência em posições de poder, de prestígio social, bem como interferem nas relações sociais entre os sujeitos.

Em acordo com as proposições de Lorde (2019), compreendemos que evidentemente não existem hierarquias entre as diversas opressões. Ocorre que não obstante, partindo de uma determinada opressão, a depender de como aquele corpo é visto e localizado nas relações sociais, há incidências de outros determinantes sociais da diferença nesse cenário. Por exemplo, homens negros gays trans são confrontados com outras dinâmicas das quais um homem negro gay *cis* passa

incólume, a exemplo da luta pelo respeito ao uso do nome social, a necessidade – ou não – de cirurgias de readaptação e a hormonização, ter de ir ao ginecologista para tratar de questões fisiológicas etc.

Somado a isso, sobretudo homens negros gays têm encravada em sua trajetória a luta pelo direito de viver, uma vez que o Estado age, especialmente pelo braço das forças de segurança como um algoz dessa população. Mais uma vez o fator raça atua como um idulto para a desumanização dessas pessoas, de modo que suas vidas são abreviadas das mais diversas formas. A letalidade policial a este grupo é seletiva e estruturalmente institucionalizada, o que nos faz afirmar que o Estado é omissivo quanto a garantia de direitos humanos dessas pessoas, concretizado nos piores índices de acesso à saúde, educação, qualificação profissional e mercado de trabalho, dentre outros indicadores. É a pele negra que é considerada suspeita, a mais abordada e morta pela polícia.

Situações como essa deixam nítido que no país, as práticas racistas fazem parte da espinha dorsal da sociedade, estando intrinsecamente ligado à práticas de subalternização de uma parcela de sua população que não é branca, perpetuando a desigualdade de acessos e permanências em espaços de decisão e poder. Por mais que nos primeiros anos do século XXI tenham surgido diversas ações afirmativas, como reservas de vagas em vestibulares de universidades públicas e reserva de vaga em concursos públicos, essas ações têm se demonstrado insuficientes para equiparar a distância de oportunidades que uma pessoa branca tem diante de uma pessoa negra.

A inoperância do Estado na promoção e garantia dos direitos humanos das populações negra e homossexual se mostra do mesmo modo quando da não produção de dados públicos sobre as mortes de homens negros gays e outros segmentos da sigla, independente do marcador da raça. Hoje quem tem desempenhado esse papel, com o recorte de raça e sexualidade, é a sociedade civil, a partir de entidades representativas do segmento LGBTQIA+.

Como descendentes de africanos escravizados nascidos no pós-abolição, e ainda que não tenham vivido os horrores da escravidão do modo como nossos ancestrais viveram, trazemos em nossa memória corporal as marcas desse período. Além disso, estamos inseridos num país que implementou e que perpetua com múltiplos dispositivos uma política de enbranquecimento da população. Política esta que se inaugura com a abertura do país para a entrada de imigrantes europeus no final do século XIX e que se desdobra até os dias de hoje, em que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado. (VEIGA, p. 79, 2019).

Em síntese, um homem negro e gay teme por sua vida, seja ocasionando pela cor de sua pele, seja pela orientação sexual e/ou identidade de gênero dissonantes da norma heterossexual que performa e/ou se identifica.

Tanto a morte física do corpo, quanto a morte simbólica provocada pelas mais diversas formas de violência. A violência física na forma de maus tratos, as tentativas de homicídio, agressões que resultam em lesão corporal e na autoagressão infligida. Há também a violência psicológica, que se utiliza de humilhações, perseguições, calúnia, injúria e difamação, além de chantagem, ameaça e hostilização.

Neste escopo de constrangimentos pode vir associada também pela violência sexual por meio do abuso sexual, do estupro e da exploração sexual. Além disso, a violência patrimonial, na retenção de documentos, o furto de dinheiro e outros bens de valor, caracterizando abuso financeiro e econômico.

Tais violências são praticadas no âmbito individual, de um indivíduo para o outro, mas não são restritas à existência sigular de cada um, mas também estão institucionalizadas e se repetem nas escolas, nos hospitais, delegacias de polícia, nos locais de trabalho, igrejas, na rua e especialmente dentro de casa, quando há o complicador de essas violências serem efetuadas por pessoas de confiança, estima e afeto, visto o laço familiar ali presente.

Há uma série de fatores agravantes que influenciar na situação, podendo ser decorrentes, por exemplo, da etapa da vida em que se homem se encontra. Haverá mais ou menos prejuízo se esse homem deixa pública a sua orientação sexual ou se a mantém em seu íntimo, correndo o risco de ser exposto a todo tempo. Assim como, se é um adolescente que ainda depende dos pais ou um adulto com inserção precária ao mercado de trabalho, ou ainda um idoso que vive institucionalizado, que pode ser posto pra fora de casa a qualquer tempo.

Outro fator que impacta na experiências de homens negros gays é a construção de sua masculinidade. Masculinidades no plural e não no singular, tendo em vista que não existe uma única maneira de performar e ser reconhecido como homem, bem como, não é um acaso da natureza na forma de uma genitália que vai definir o masculino.

A instituição masculinidade diz respeito a algo simbólico, porém, validado na sociedade, em virtude de seu protagonismo como normatizador do comportamento dos homens, intrinsecamente ligado à heteronormatividade e a cisgneridade, cujo portador deve ostentar diversos signos para ser reconhecido e validado como apto a entrar no Clube do Bolinha.

Recorrendo ao imaginário popular, o que se espera de um homem? Precisa ter força, coragem, ostentar a fala firme. Precede de encafiar as emoções, especialmente as que são associadas à fragilidade, como a dúvida, o choro, pelo

contrário, tem de estar sempre no controle, aguentar o tranco, não cometer erros e não desistir. Por conseguinte, ser heterossexual é outra prerrogativa, bem como ser dominante perante a todos, provedor das necessidades financeiras, sexualmente disposto e experiente, bem como competitivo e bem-sucedido. Esses são alguns dos predicados constitutivos do cânone da virilidade e definem o que é ser homem e por extensão, a chamada masculinidade hegemônica.

A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, pg. 245)

Em termos estéticos e concretos, essa masculinidade hegemônica ganha um corpo muito bem delineado e é retratada na figura de um homem branco, cisgênero, heterossexual, detentor dos meios de produção, com físico atlético e sem deficiências. É o mocinho da novela, o herói do cinema, o modelo que estampa a capa ou as propagandas das revistas, a pessoa que recebe mais curtidas nas diferentes redes sociais. O homem negro não está nesses lugares, não está na Presidência da República, nos cargos de chefia em empresas, assim como não está no Supremo Tribunal Federal, composto, neste tempo histórico, por nove homens e uma mulher, todos brancos. Tal fato não se dá por incompetência, mas sim por um racismo estrutural que adiciona uma série de barreiras invisíveis e atitudinais que obstaculizam o acesso e a permanência nestes locais.

Lamentavelmente, a verdade de fato, que é um tabu quando verbalizada, é que a esta é uma cultura que não ama os homens negros; eles não são amados homens brancos, nem por mulheres brancas ou mulheres negras, nem por meninas e meninos. Sobretudo, a maioria dos homens negros não se ama. Como eles poderiam amar a si mesmos e uns aos outros, como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja e tanto ódio? Homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista são temidos, não amados. (HOOKS, pg. 32, 2022).

bell hooks está falando a partir da realidade estadunidense, da qual fez parte. Mas é possível traçar um paralelo, considerando todas as diferenças do racismo aqui e lá, com a situação dos negros brasileiros, especialmente no tocante a “*Homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista são temidos, não amados*”.

É natural para a sociedade brasileira que uma pessoa negra esteja na base da pirâmide, é normalizado que essas pessoas são mais suscetíveis a cometer crimes, por isso, as prisões, apesar de muitas contradições, via de regra têm uma cor predominante: a cor do negro. Não sensibiliza ninguém que todos os dias ocorram chacinas, enganos ou imperícia na atuação policial, ou ainda que essas pessoas tenham seu acesso ao mercado de trabalho atravancado por vieses racistas presentes no imaginário da sociedade. É difícil se amar e não temer pela vida neste contexto.

Tendo em vista isso, concebemos a homossexualidade masculina negra como uma categoria política e compreendemos que não é um lugar que todos os gays negros se reconhecem, reivindicam ou mesmo querem estar. A partir disso, ser gay e negro pressupõe dois enfrentamentos distintos, um tendo como demarcador a sua cor e outro tendo como demarcador a sua sexualidade dissidente. Recordemos que apesar da masculinidade negra estar a reboque da masculinidade hegemônica branca, há códigos e signos que definem o que é ser um homem negro, como a fama de pegador, a centralidade de atração sexual a partir de um suposto falo avantajado. No caso de gays negros, acrescenta-se a necessidade de performar a penetração. Essas pessoas são percebidas pela ótica do fetiche, ocupam um não lugar nas relações amorosas, indignos de amar e estabelecer vínculos, hipersexualizados e bons para o sexo, além de terem desconsideradas sua beleza, uma vez que não atendem ao padrão branco caucasiano. Com base nesse receituário, são categorizados como cafuçus, uma descrição que engloba homens rústicos, que desempenham funções braçais e pouco escolarizadas no mercado de trabalho, como pintores, pedreiros, mas com o diferencial da “pegada”. Chega a ser incômodo escrever sobre essa categoria, tão quanto imaginar que pessoas não negras não tenham e/ou não se importem com o quanto é ofensivo classificar os gays negros dessa forma.

Muito se descarta e pouco se sabe sobre as experiências gays fora das lentes normativas utilizadas para ler a raça, a sexualidade, o gênero e a identidade de gênero. Experiências como o brau e race fucker (PINHO, 200; PINHO, 2012), o moleque e o malandro (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010), o down-low/sigiloso (SNORTON, 2014), o reprodutor/breeder (ROBERTS, 1999), a bicha preta, o cafuçu, a bicha poc, dentre outras, eminentemente organizadas como

experiências racializadas da sexualidade ancoradas na negritude e na classe, ganham facilmente significações jocosas e socialmente reprováveis. (SOUZA, 2022, p. 61)

É provável que isso se deva pela questão de que se afirmar como um homem preto que ama outro homem vem carregado de estereótipos negativos que são transformados mecanismos de controle, insulto, ridicularização, invisibilização e ódio contra corpos de gays negros, conforme relatado acima. Ainda de acordo com Souza (2022), as categorias hegemônicas de masculinidade e sexualidade são insuficientes para refletir sobre a masculinidade negra gay, uma vez que essas categorias foram pensadas e espelhadas na branquitude, de modo que não é possível simplesmente transpor de uma para outra. E nessa contradição de tentar performar esses signos que foram talhados a partir de referenciais excludentes que não te consideram como humano, reside o sofrimento na experiência homossexual masculina negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há saúde mental que resista ao desamparo, à fome, ao constante desrespeito de sua existência e ao desprezo daqueles que ama. Podemos afirmar que os efeitos do racismo e da homofobia agem sob os corpos de homens negros dissidentes no campo da orientação sexual e/ou da identidade de gênero, tendo em vista que ambos os sistemas de dominação incidem no cotidiano desse segmento determinando o lugar social que essas pessoas vão ocupar, assim como nos espaços que lhes são negados.

Combinando raça, gênero, orientação sexual, identidade de gênero e classe social são determinantes para dizer quem é que dará as cartas. O sujeito tido como ideal é homem, branco, heterossexual, cisgênero e detentor dos meios de produção.

Nesse bingo dos privilégios, gays negros não completam todas as casas. Sob seus corpos confluem a raça não branca, a orientação sexual não heterossexual e por vezes, a identidade de gênero não normativa. Isso por si só já coloca essas pessoas num limbo que entre os negros são vistos como uma vergonha e entre os brancos é reduzida a um fetiche. Essa configuração é resultado de anos de escravização forçada, do apagamento de sua cultura, de políticas eugenistas, de extermínio e encarceramento em massa, fenômenos distintos que tem em sua raiz o racismo contra pessoas negras. E mesmo que a condição econômica não seja uma questão, o corpo negro é o primeiro a adentrar no recinto e não o dinheiro, o estudo ou os títulos. É por isso que muitas pessoas são perseguidas, mesmo que

discretamente, dentro de lojas e mercados por seguranças, ou que jogadores de futebol talentosos, famosos e ricos não se reconhecem e/ou se recusam a declarar-se como negros, ou mesmo marcarem posição frente a episódios de racismo. Nessa equação há mais Ronaldos Fenômenos do que Vinis Juniors. Assim como, declarar-se abertamente como um homem gay sendo um homem negro, exige o pagamento de um alto preço.

## REFERÊNCIAS

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2013000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.

HOOKS, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo, Elefante, 2022.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de

(org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 235-238.

SOUSA, Diogo. Constrangendo pela raça: homens negros gays nas tramas do genocídio e das masculinidades. In: SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; CAMILO, Vandelir (org.). **Masculinidades negras**: novos debates ganhando formas. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022. p. 55-76.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidade**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 77-96.